

**POESIA COMO EXPRESSÃO DE SOLIDARIEDADE NACIONAL  
E CONSCIÊNCIA POLÍTICA.  
DA POESIA DE TAWFIQ ZAYYAD, AHMAD DAHBUR E KHAIRI MANSUR**

Beatriz Negreiros Gemignani\*

**RESUMO:** Neste artigo, traduzimos poemas dos poetas palestinos Tawfiq Zayyad (1929-1994), Ahmad Dahbur (1946-2017) e Khairi Mansur (1945-2018). A tradução busca preservar os sentidos originais dos poemas ao mesmo tempo em que se propõe poética, para que o resultado sejam poemas também em português. Os poemas trazem imagens da resistência palestina, na forma da permanência no território palestino ocupado ou na nota que destaca a opressão nos países do exílio. Ao mesmo tempo em que fazem o leitor sentir a solidão e a privação, acentuam o amor e a fé encorajante desse povo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poesia; Tradução; Palestina; Resistência; Exílio

**ABSTRACT:** In this article, we translate poems from the Palestinian poets Tawfiq Zayyad (1929-1994), Ahmad Dahbour (1946-2017) and Khairi Mansour (1945-2018). The translation seeks to preserve the original meanings of the poems while remaining poetic, so that the result is also poems in Portuguese. The poems depict images of Palestinian resistance, both while staying in the occupied Palestinian territory or highlighting oppression in exile. At the same time as they make the reader feel the loneliness and the deprivation, they also emphasize the love and the encouraging faith of these people.

**KEYWORDS:** Poetry; Translation; Palestine; Resistance; Exile

Neste artigo, apresentamos em tradução ao português brasileiro poemas de três poetas palestinos: Tawfiq Zayyad, nascido na Galileia, em 1929, e morto no Vale do Jordão, em 1994; Ahmad Dahbur, nascido em Haifa, em 1946, e morto em Ramallah, em 2017; e Khairi Mansur, nascido em Deir Ghusun, em 1945, e morto em Amã, em 18 de setembro de 2018, enquanto este artigo começa a ser redigido.

Nascidos um pouco antes da Nakba, ou “Catástrofe”, como ficou conhecida pelos palestinos a ocupação do território pelo Estado de Israel em 1948, a obra desses poetas expressa a causa palestina, assumindo seus autores o papel de porta-vozes do povo palestino, na medida em que os poemas expressam a situação política nacional. No conjunto, pode-se dizer que a poesia palestina revela uma atitude política enquanto implica um retorno necessário à história e se aproxima à terra, propriamente ao lugar em nome do qual ela é produzida.

Trata-se evidentemente de poemas trágicos, sendo o símbolo e o meio de resistência de um povo que vive em constante cerco. Mas neles também se misturam elementos cômicos ou irônicos. Conforme Canova (1971), esses poetas representam

---

\* Mestre em Estudos Judaicos e Árabes (USP). Bolsista Capes Demanda Social. Membro do “Grupo de tradução da poesia árabe contemporânea”.

## CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

ainda a luta contra o “assédio cultural” da inteligência israelense, que à época buscava desvalorizar e rebaixar a civilização árabe.

Os três poetas tiveram participação ativa durante sua vida, desempenhando não somente o labor artístico, mas também o político. Sua obra se revela autêntica e universal, na medida em que não se limita à situação da Palestina, podendo ser a expressão de qualquer povo oprimido que combate por sua libertação. Dahbur, proveniente de Haifa, foi exilado da Palestina logo no momento da Nakba, quando passou a viver em acampamentos de refugiados, e posteriormente retornaria à Palestina graças aos acordos de Oslo, mas estando fora do alcance de sua cidade natal, sob controle de Israel. Já Mansur permaneceu na Palestina após a Nakba, mas foi exilado em 1967, e Zayyad permaneceu em áreas árabes ocupadas por Israel, estando sempre envolvido na resistência palestina, juntamente a Mahmud Darwich, Samih Alqasim e Salem Jubran, poetas esses que viviam no território histórico da Palestina e cuja poesia seria mais conhecida a partir dos anos 1960 quando entram em contato com os expatriados. O lugar, pois, é elemento importante para os poetas, sendo constantemente narrado nos poemas, marcando-se o contraste entre a sua terra e a do exílio.

Além de poemas, Zayyad e Dahbur escreveram canções, que são comumente cantadas pelos palestinos e árabes em geral. Dahbur foi cofundador do grupo musical Al-‘Āšiqīn, “os amantes”, do qual podemos citar sua conhecida música “Hayyā yā awlād Filasṭīn”. Pela qualidade de seus versos, muitos poemas de Zayyad foram transformados em música, sendo a mais conhecida “Unādīkum”, que ganhou diversas versões.

A poesia de Zayyad possui estilo e expressão simples, decididamente populares, desenvolvendo um discurso linear e completo. Conforme explica Ashrawi (1978), sua poesia foi escrita para ser entendida pelas pessoas e para atrair diretamente os sentimentos compatriotas. O poeta se preocupou também com a manutenção e compilação do folclore nacional, tendo publicado uma coleção de contos do folclore.

Dahbur e Khairi Mansur são poetas que se tornaram mais conhecidos a partir dos anos 1980, época áurea da criatividade literária palestina, após se desvencilharem das tendências negativas da década de 1970 e da centralidade no heroísmo. Conforme explica Jayyusi (1992), sua nova poesia reflete a natureza enigmática da integridade estética, ao lado da resistência. Dahbur em especial se interessou por experimentação formal, tendo criado novos efeitos poéticos numa poesia que possui uma abordagem política mais direta, resultado de sua participação na revolução palestina do final dos anos 1960<sup>1</sup>, e que ao mesmo tempo traz uma apreensão universal da experiência palestina.

Os poetas palestinos se mantiveram próximos dos movimentos poéticos árabes revolucionários dos anos 1950 que estabeleceram o verso livre e dinamizaram outros elementos do poema. Logo, métrica e formas poéticas tradicionais foram deixadas de lado por um discurso mais direto e eficaz, conforme pretendido por esses poetas. Ademais, os

---

<sup>1</sup> No final da década de 1960, teve início uma luta popular, liderada por jovens refugiados, cuja bandeira era a recuperação de suas terras e dos seus direitos. Isso resultou na revolução palestina, uma luta armada que continuaria nos anos 1970. Dahbur lutou em batalhas na Jordânia e no Líbano.

## CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

poemas são em sua maioria escritos em primeira pessoa do singular, de modo que o “eu” subjetivo inclui as massas cujo sofrimento é sentido intensamente pelo poeta.

Nos poemas de Tawfiq Zayyad observamos ao mesmo tempo rejeição e afirmação da precária situação de seu povo. Retirado da compilação *'Ašuddu 'alà 'ayādikum* de 1966, o poema “Aqui permanecemos”, que traduzimos aqui, reforça a resistência por meio da permanência no território. Repetidos ao longo do poema, os versos traduzidos por “Como em total absurdo/em Ramla, em Lida, na Galileia” contêm no original uma mensagem adicional, suprimida em prol do ritmo em português: são uma vintena de pessoas que vivem esse absurdo, como referência aos literatos palestinos que escreviam em Israel. Esse poema em verso livre se utiliza da rima enquanto eco, conforme pode ser observado em diversos finais de versos. Na tradução, o poema traz pontualmente rimas em finais de versos que visam reproduzir o eco original e contribuir ao seu ritmo poético. Ademais, a tradução busca recursos mais comuns em português, de modo que por vezes omite-se o uso tradicional e corrente da repetição em árabe – como no verso “Não somos avarentos”, cujo original repete três vezes a negação *lā nabḥulu*.

A árdua realidade política vivida pelo poeta e seu povo gera emoções e anseios que são transformados em poesia, conforme o poema “O que tenho”. Ressoam no texto em árabe rimas dispersas que trazem diferentes efeitos, seja a força da gutural “*ayn*” revelando tanto a intensidade do sofrimento quanto da fé e do amor, ou os prolongamentos dos finais de versos em vogais longas “*ī*” e “*ā*”, colocando a narrativa em suspensão e trazendo a sensação de que a falta de “posses” do poeta de fato é duradoura. Em português, a reprodução desses ecos contou com o uso de nasais e da vogal “o” fechada, como em “canções”, “ombros”, “sonhos”, “mundo” e “tamanho”, em oposição aos ecos produzidos por “autoria” e “comida”, por um lado, e “tinteiro” e “satisfeito”, por outro. Além disso, a suspensão do relato observada no original está de certa forma representada pela quebra de versos ao meio do poema: “e uma pena/e um tinteiro”.

Os poemas aqui traduzidos de Ahmad Dahbur apresentam versos mais longos, exemplificando a experimentação formal realizada pelo poeta, que foge de métricas convencionais em busca de novos efeitos poéticos. Em “Deixo a loucura de lado”, poema que retrata a opressão e o sofrimento do exílio, ressalta-se a significância do vocabulário utilizado, que destaca as consequências da ocupação e da diáspora – *manfà* “exílio”, *muḥayyam* “acampamento”, *ḥiṣār* “cerco” – e a reafirmação de sua terra (*'arḍ*) e pátria (*waṭan*), que possui elementos próprios, como *zaytūn* “olivas”, *šajar* “árvore”, *judūr* “raízes”. No poema “Nosso país”, marcado pelo tom interrogativo, a tradução buscou um estilo direto que reproduzisse a fluidez do relato, marcado por uma conversa da qual lemos somente uma das vozes. Essa voz busca uma razão de estar ali naquela terra, onde se tornou estranha e foi privada das coisas mais essenciais. Já em “Novas propostas”, Dahbur apela para a universalidade da tirania, retratando o patético e o trágico a partir da situação palestina.

Ambos os curtos poemas de Khairi Mansur se assemelham na representação de um passado perdido, quase esquecido, sendo que “Eco” acentua a solidão e a privação, enquanto “O caminho” se mostra saudoso e encorajante. Com efeito, os poetas palestinos

## CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

por vezes remetem à experiência andalusina, ao associar a perda daquele território por parte dos árabes com a própria perda territorial dos palestinos. A tradução se mantém próxima ao original, utilizando-se de versos sucintos na medida do possível; contudo, deve-se considerar que o vocabulário da língua portuguesa é em geral mais longo, além de serem necessárias mais palavras, como o uso de artigos indefinidos que não existem em árabe. Na tradução desse poema, optamos também pelo uso da adversativa “mas”, que não consta no original, para introduzir os versos entre parênteses.

### Tawfiq Zayyad

#### **Aqui permanecemos**

Como em total absurdo  
em Lida, em Ramla, na Galileia  
como muro fincado em vosso peito  
aqui permanecemos  
como cacto, como pedaço de vidro na garganta  
como rajada de fogo nos olhos  
como muro fincado em vosso peito  
aqui permanecemos.  
Lavando pratos nos bares  
enchendo as taças dos clientes  
esfregando o chão das cozinhas pretas  
até tirarmos o pão para os pequenos  
do meio de vossos dentes azuis  
como muro fincado em vosso peito  
aqui permanecemos.  
Famintos, despejados, mas resistimos  
recitando versos  
enchendo as turbulentas ruas com manifestações  
enchendo com orgulho as prisões  
e criando uma geração rebelde atrás de outra.  
Como em total absurdo  
em Lida, em Ramla, na Galileia  
aqui permanecemos  
Que bebam então o mar...  
Vigiamos a sombra de figos e olivas  
cultivamos ideias, como o fermento na massa.  
Em nossos nervos sobressai a frieza do gelo  
e no coração deles um inferno quente.  
Quando temos sede esprememos pedra  
quando temos fome comemos terra,

## CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

mas não partiremos!  
Não somos avarentos,  
somos de sangue puro.  
Aqui temos passado, presente e futuro

Como em total absurdo  
em Lida, em Ramla, na Galileia  
Que nossas raízes vivas se fixem!  
Que as fontes se lancem às profundezas!  
É melhor que o oprimido revise a conta  
antes que o arco vire  
“Para todo feito, leiam  
o que veio no Livro!”

### **O que tenho**

Sou uma pessoa simples  
nunca levei um rifle nos ombros  
nunca disparei uma arma.  
Não tenho mais que  
umas canções de minha autoria,  
e uma pena  
e um tinteiro  
para desenhar os meus sonhos.  
Chego a não ter comida  
e estou quase satisfeito.  
Mas tenho uma fé  
que não se abala  
e um amor do tamanho do mundo  
por um povo que sofre.

### **Ahmad Dahbur**

#### **Deixo a loucura de lado<sup>2</sup>**

Não, você não mudará o que ela sente por você se aproximando ou se afastando dela  
Mas eu te proponho responder com outra pergunta: Quem é o inimigo?  
O céu é uma peneira que sacode e dispersa uma morte sutil,

---

<sup>2</sup> Fragmentos de um longo poema.

## CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

o que fica na tela molda uma árvore regada a sangue

Quem é o inimigo?

As nuvens que restam se calcificam carregadas de trovão,  
irrompem em barcos preparados para o exílio

Quem é o inimigo?

Os gafanhotos vêm no rastro do míssil, quebram as asas fortes de águia e se aproximam  
do campo Ibn Ámir

O mar é traiçoeiro

O espaço confunde

A terra tem pressa sob a torrente de sangue louco

O inimigo extrai a essência da nossa oliva,  
mas ela ainda fica nas raízes e nas fontes

Não morreremos

Os campos de Deus são vastos, o policial nos força ao exílio, mas não morreremos!

Insuflamos as almas ainda nos úteros, nos trazem de volta nossos mortos, e proliferam  
entre o vento e as minas, e debaixo de suas roupas nos pergunta uma alma: Quem é o  
inimigo?

O inimigo é o inimigo

Os gafanhotos são o inimigo

O cerco é o inimigo

Em que diferem dois canhões que dividem a morte no campo?

- O campo não morre

Veja. Crianças carregam granadas e espigas, a bondade é farta no mundo, não bastam  
as

correntes para fechar o jogo: num dia claro as crianças voltarão nos mesmos barcos,  
minha Laila

Venha, talvez resista o campo Ibn Ámir

talvez palpite

talvez morra... e não morra.

Teus olhos são pretos

e eu sou vítima deles

quantas vezes morri por eles

Se prometi voltar, voltarei

Se não houve aquela noite branca, vamos então prepará-la, nem que tenhamos que  
perdoar os erros

Sonhei que sonhei

despertei de minha consciência e meu dia me fez voltar, então me vi dividido:

minha voz está aqui, meus ouvidos estão lá

Você é quem eu vejo sem ver

Me perdoe por estar triste

e eu nem me arrependi

## CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

Não há tempo, mas prometo  
estacar a chuva e o passado e não estar mais longe  
Pedirei às árvores que se unam  
Pedirei às mágoas que se unam  
Pedirei à pátria que se una  
E prometo que eu também me unirei.

Laila está comigo,  
Caminhamos nos escombros, choramos em público, rimos e debochamos da pergunta  
“Por quê?”  
Não voltaremos à infância  
Aqui começa o novo, e a infância deve voltar a ser o que Laila quis que fosse, nascem  
vidas nos campos, depois os campos crescem e correm apressados rumo às fontes, o  
mundo se estabelece.

Espero ainda viver para escrever sobre outros assuntos.

### **Nosso país**

Quem chama desse jeito?  
Foi o senhor que chamou?  
Pensei ter ouvido uma voz que me conhece, o senhor também ouviu? Ou estou  
enganado? Talvez eu... Desculpe... Por que o senhor acha que forjei a conversa? Não me  
entenda mal, pois não tenho outra intenção, mas vamos imaginar que eu forjei a  
conversa... Só queria dizer que o dia... Desculpe, não vá embora, aqui em nossa terra  
temos uma parede, e queremos fazer dela uma casa, mas não nos deixam... O que estou  
dizendo? Será que no mercado vendem estes momentos, meu amigo? Digo assim “meu  
amigo” para todos que... Você acha que sou do serviço secreto? Então por que o medo?  
Só queria falar, me desculpe se abusei, mas é sobre o meu país  
Ou não temos direito a uma amizade? A um aperto de mãos?  
A uma briga? A um amigo que perdoa?  
Ou a alguém que passa e nos chama pelo nosso nome?  
Não é nosso direito?  
Não é nosso país?  
Você ouviu uma voz? Quem chama desse jeito?  
Quem é que nos chama pelo nosso nome?

### **Novas propostas**

De qual toca escapou o tirano do mundo?

## CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

Queimou Nero duas vezes Roma, compôs um canto cruel e não se conteve até com alegria ser obedecido

Aprovou Hulagu o canto, queimou o suficiente para escorrer um rio de tinta e das cinzas da biblioteca do mundo a língua do gafanhoto surgir, agradecendo a estupidez do ignorante nervoso

até amadurecer a gratidão do louco, então veio Hitler: extraindo sabão dos mortos, ele não se conteve com a terra e avançou ao mar, a destruição mesclou-se, o moinho de fúria explodiu

Já meus olhos, eles viram um tirano  
que deixaria os três espantados  
pois fez o suficiente para que se escreva:  
nos seus dias, cinco poetas se calaram.

### Khairi Mansur

#### Eco

Talvez o tenha esquecido na primeira veste  
(mas era sem bolsos)  
Não o esqueci na primeira veste  
Talvez o tenha esquecido numa escrivaninha abandonada  
naquela primeira sala  
(mas era sem gavetas)  
A cadeira quebrada  
acentua a solidão  
Não o esqueci naquela primeira sala  
Talvez o tenha esquecido no primeiro beijo  
(mas foi sem lábios)  
Não o esqueci na primeira mulher  
Eu o vi ao crepúsculo, uma criança,  
de olhar turvo... paralisado  
... o meu primeiro poema.

#### O Caminho

Talvez seja longo o caminho até Córdoba  
talvez o caminho até se perca  
mas a saudade de Córdoba  
iça velas  
e solta as rédeas do cavalo



## CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

até uma sala,  
uma parede, e nela uma sela de cavalo  
e uma espada... que fita a estante.

توفيق زياد

هنا باقون

كأئنا عشرون مُستحيلُ  
في اللدِّ، والرملة، والجليلِ  
هنا.. على صدوركم، باقون كالجدارِ  
وفي حُلوقكم،  
كقطعة الزجاج، كالصَّبَّارِ  
وفي عيونكم،  
زوبعةً من نارٍ.  
هنا.. على صُدُوركم، باقون كالجدارِ  
تنظَّفُ الصحونَ في الحاناتِ  
ونملأُ الكؤوسَ للساداتِ  
ونمسحُ البلاطَ في المطابخِ السوداءِ  
حتى نسلَّ لقمة الصغارِ  
من بين أنيابكم الزرقاءِ  
هنا على صدوركم باقون، كالجدارِ  
نجوغُ.. نعرى.. نتحدى..  
نُشدُّ الأشعارِ  
ونملأُ الشوارعَ الغضابَ بالمظاهراتِ  
ونملأُ السجونَ كبرياءِ  
ونصنعُ الأطفالِ.. جيلاً ثائراً.. وراءَ جيلِ  
كأئنا عشرون مُستحيلُ  
في اللدِّ، والرملة، والجليلِ..  
إنَّا هنا باقونُ  
فلتشرَبوا البحرا...  
نحرسُ ظلَّ التينِ والزيتونِ  
ونزرعُ الأفكارَ، كالخميرِ في العجينِ  
برودةَ الجليدِ في أعصابنا  
وفي قلوبهم جهنمُ حمرا  
إذا عطشنا نعصرُ الصخرا  
ونأكلُ الترابَ إن جعنا.. لا نرحلُ!!..  
وبالدمِ الزكيِّ لا نبخلُ.. لا نبخلُ.. لا نبخلُ..  
هنا.. لنا ماضٍ.. وحاضرٌ.. ومستقبلٌ..  
كأئنا عشرون مُستحيلُ

## CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

في اللدِّ، والرملية، والجليل..  
يا جذرنا الحيّ تشبّثْ  
واضربي في القاعِ يا أصولْ  
أفضّلُ أن يراجعَ المضطهدُ الحسابُ  
من قبل أن يفتنَ الدولار  
" لكلِّ فعلٍ... .. اقرأوا  
ما جاء في الكتاب!!..

### الذي أملك

أنا إنسانٌ بسيطٌ  
لم أضغ يوماً على كتفيّ مدفع.  
أنا لم أضغطُ زناداً  
طولَ عمري  
أنا لا أملكُ إلاّ  
بعضَ موسيقى تُوقِّعُ  
ريشةً ترسمُ أحلامي،  
وقنيئةً حبرٍ  
أنا لا أملكُ حتّى خبزَ يومي  
وأنا بالكاد أشبع.  
إنّما أملكُ إيماني الذي  
لا يتزعزع.  
وهو... ..  
يكتسخُ الكونَ  
لشعبٍ  
يتوجّع.

أحمد دحبور

### لا أفرط بالجنون

لا لن يغيّرَ قلبها منك اقترابٌ أو بعداً، وانخفاضٌ أو علوّ  
لكنّ لي شرطاً عليك، ضع السؤالَ على السؤال:  
مَن العدو؟  
يهتزُّ غربالُ الفضاءِ لينثرَ الموتَ الدقيقَ،  
وبالنخالةِ يجبلُ الشجرَ العتيقَ مع الدماءِ،  
مَن العدو؟  
بقيةُ الغيمِ المكلسِ دبّ فيها الرعدُ،  
فانفجرت قواربُ، والمنافي تستعدُّ،  
مَن العدو؟  
جرادةٌ نجمت عن الصاروخِ، قصّ جناحها المُسنَّسِرَ المعقوفَ، حتّى أقبلت تقتصُّ من

## CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

مرج ابن عامر  
البحر غادِرُ  
والجُو غادِرُ  
والأرضُ تركضُ تحتَ جنزيرِ الدمِ المجنونِ،  
ينتزِعُ العدوُّ خلاصَةَ الزيتونِ،  
لكِنَّ الخلاصَةَ في الجذورِ وفي العيونِ،  
ولا نموتُ،  
مخيماتُ الله واسعةٌ، ومنفاهُ المفتحُ ينفخُ الشرطيُّ فيه، ولا نموتُ،  
وننفخُ الأرواحَ في الأرحامِ، يرجعُ كلُّ من قُتلوا ويزدادونَ، بين الريحِ والألغامِ  
ينتشرونَ، تحتَ ثيابِهِم رُوحٌ تقولُ: مَنْ العدوُّ؟  
إنَّ العدوُّ هو العدوُّ  
هذا الجرادُ هو العدوُّ  
هذا الحصارُ هو العدوُّ  
ما الفرقُ بين المدفعينِ تقاسماً مَوْتِ المخيمِ؟  
- المخيمُ لا يموتُ  
ها يَحْمِلُ الأطفالُ قنبلةً وسنبلةً، وإنَّ الخيرَ في الدنيا كثيرٌ، والجنازيرَ التي تبعثُ سواها  
غيرُ كافيةٍ لإغلاقِ الملاعبِ؛ ذاتِ صافيةٍ سيرجُ بالقواربِ نَفْسِها الأطفالُ، يا ليلي  
تعالِي فابنُ عامرٍ قد يجرُّ  
قد يراوِحُ  
قد يموتُ..... ولا يموتُ.

عيناك سوداوانُ  
وأنا قَتيلُ السودِ  
كم مَتُّ قَبْلَ الآنِ  
وإذا وَعَدْتُ أعودُ  
وإذن قَتَلتُ الليليةَ البيضاءَ ما كانتِ، ولكنَّا نعدُّ الليليةَ البيضاءَ، إلّا أننا لا نغفرُ الأخطاءَ،  
ها أنذا حلمتُ أَنِّي حلمتُ  
وَصَحَوْتُ مِنْ صحوي فعاودتني نهاري، وانقسمتُ:  
صوتي هنا، سمعي هناكِ  
يا مَنْ أراكِ ولا أراكِ  
غفرانَ حزنك.. غيرِ أَنِّي ما ندمتُ  
لا وقتَ.. لكُنِّي أَعِدُ  
أَنْ أَجْلُوَ الأمطارَ والماضي وألّا أبتعدُ  
سأقولُ للشجرِ أَنَّجِدُ  
وأقولُ للشجنِ أَنَّجِدُ  
وأقولُ للوطنِ أَنَّجِدُ  
وأنا أَعِدُ  
أَنْ أَنَّجِدُ.

ليلي معي،  
نمشي على الأنقاضِ، نيكِ، هكذا، علناً، ونضحك، هكذا، علناً، ونسخرُ مِنْ  
"لماذا؟"

## CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

لا لن نعود إلى الطفولة،  
من هنا ابتداءً الجديد، وللطفولة أن تعود إلى الذي امتلأت به ليلى، ويولد في المخيم،  
ثم ينسج المخيم، ثم يهرغ في اتجاه النبع، والدنيا ترد.

ويكون لي وقت لأكتب غير هذا.

### بلادنا

من الذي، هكذا، ينادي؟

هل أنت يا سيدي؟

كأني ظننت أنني سمعت صوتاً يعرفني، هل سمعت مثلي؟ أم أنني مخطيء؟ لعلّي.. فالعفو يا سيدي.. لماذا تظن أنني افتعلت هذا الحوار؟ أرجوك لا تسي فهمي، ليس لي غاية، ولكن لنفترض أنني افتعلت الحوار.. لا قصد لي سوى أن أقول إن النهار.. عفواً، لا تمض، في أرضنا جدارٌ نريدهُ غرفةً، ولكن لم يسمحوا بالبناء.. ماذا أقول؛ هل هذه الأواني تُباع في السوق يا صديقي؟ أقولها، هكذا، "صديقي" لكل من... هل تظن أنني مخابرات، إذن لماذا تخافني؟ لا أريد غير الكلام، عفواً إذا أسأت التعبير، لكنّها بلادي

أليس من حقنا عليها صداقة ما؟ يد تصافح؟

عداوة؟ صاحب يسامح؟

أو عابرٌ باسمنا ينادي؟

أليس من حقنا؟

أليست بلادنا؟

هل سمعت صوتاً؟ من الذي، هكذا، ينادي؟

من الذي باسمنا ينادي؟

### اقتراحات جديدة

من أي جحر طغاه الكوكب انفلتوا؟

نيرون صرّف روما مرتين، فبعد حرّقها ألف اللحن الرديء، ولم يكف حتى أطاعته على الطرب

وصدق اللحن هولوكو، فأحرق ما يكفي ليغرق نهراً بالمداد، ومن رماد مكتبة الدنيا أتت لغة الجراد تشكر خُمق الجاهل العصبي حتى إذا أنضج الشكر الجنون وجاء هتلاً؛ استخرج الصابون من جثث القتلى، ولم تكفه أرض، فضم إلى مجاله الحيوي البحر، فامتزج الدمار، وانفجرت طاحونة الغضب

أما أنا فرأت عيناى طاغية

جارى الثلاثة حتى أنهم بهتوا

فقد أتى كل ما يكفي ليكتب: في

أيامه شعراء خمسة سكتوا

### خيري منصور

### رجع

لربما نسيها في السنرة الأولى

(كانت بلا جيبيّن)

## CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

- لم أنسها في السترة الأولى  
لربما نسيها في مكتب مهجور  
في الغرفة الأولى  
(كان بلا أدرج)  
كرسيه المكسور  
يزداد من وحشته طولا  
- لم أنسها في الغرفة الأولى  
لربما نسيها في القبلة الأولى  
(كانت بلا شفاه)  
- لم أنسها في المرأة الأولى  
- رأيها الليلة طفلاً  
زانع العينين.. مشلولا  
...  
قصيدتي الأولى..

### الطريق

قد يطول الطريق إلى قرطبة  
قد يضيع الطريق.  
غير أن الحنين إلى قرطبة  
سيظل يدير الشراع  
ويُرخي لجام الجواد  
إلى غرفة  
وجدار يزئنه سرج مهبر  
وسيف.. يحدق في مكتبة

### Referências bibliográficas

- ASHRAWI, H.M. "The Contemporary Palestinian Poetry of Occupation". *Journal of Palestine Studies*, Washington, v. 7, n. 3, p. 77-101, 1978.
- CANOVA, G. "La poesia della resistenza palestinese". *Oriente Medio*, Roma, ano 51, n. 6/8, p.583-630, jun./jul./ago. 1971.
- DAHBOUR, Y. *Artist of the Month: Ahmad Dahbour*. Disponível em: <<http://thisweekinpalestine.com/limelight/ahmad-dahbour/>>. Acesso em: 30 jul. 2020.
- JAYYUSI, S.K. *Anthology of modern Palestinian literature*. Nova York: Columbia University Press, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Mawsū'at al'adab alfilistīnī almu'āšir* [Antologia de Literatura Palestina Contemporânea]. Beirute: Instituto Árabe de Estudos e Publicações, 1997.

CRIAÇÃO & CRÍTICA  
ESPECIAL

MANSUR, K. *Qalam dill wafiyyan liqinā<sup>c</sup>ātihi ḥattà laḥḍah arrahīl* [Caneta e sombra de suas convicções até o momento da partida]. Dubai, 20 set. 2018. Disponível em: <<https://www.emaratalyoun.com/life/four-sides/2018-09-20-1.1135974>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

PALESTINIAN JOURNEYS. *Poets: Tawfiq Zayyad*. Disponível em: <<https://www.paljourneys.org/en/biography/14601/tawfiq-zayyad>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

**Recebido em:** 11/09/2019      **Aceito em:** 31/10/2019

**Referência eletrônica:** GEMIGNANI, Beatriz Negreiros. Poesia como expressão de solidariedade nacional e consciência política. Da poesia de Tawfiq Zayyad, Ahmad Dahbur e Khairi Mansur. *Criação & Crítica*, p., ago. 2020. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mmm. aaaa